**A LUTA DAS TRABALHADORAS RURAIS ASSENTADAS DO BREJO PARAIBANO A PARTIR DO RESGATE DA MEMÓRIA DE MARGARIDA MARIA ALVES**

YASMIN S. COSTA (IFPB, Campus Guarabira), LARISSA F. ALBUQUERQUE (IFPB, Campus Guarabira)

**E-mails:** yasmin.silva@academico.ifpb.edu.br, larissa.fernanda@academico.ifpb.br

**Área de conhecimento:(Tabela CNPq)**: 6.01.00.00-1 Direito

**Palavras-Chave**: luta; rural; Margarida

1. **Introdução**

Margarida Maria Alves foi uma referência na luta pelos direitos das trabalhadoras e trabalhadores rurais e sua contribuição histórica no campo dos direitos humanos é referenciada até os dias atuais. Sua trajetória de vida serve de inspiração e força no enfrentamento à exploração do trabalho no campo.

Margarida foi uma das primeiras mulheres a ocupar um cargo de direção sindical, e, durante o período em que presidiu o sindicato dos trabalhadores rurais do município de Alagoa Grande, chegou a ajuizar cerca de 100 ações na Justiça do Trabalho, sendo vitoriosa na maioria delas. O incômodo dos grandes proprietários rurais e usineiros locais causado pelos processos judiciais e pelos movimentos e atividades realizadas em torno do sindicato resultaram na execução de Margarida, no dia 12 de agosto de 1983, na porta de sua casa.

A trajetória de Margarida tem inspirado a luta de trabalhadoras rurais assentadas na Paraíba. Segundo o Relatório Geral de Assentamentos da Superintendência Regional paraibana do Instituto Nacional de Reforma Agrária (INCRA, 2017), existem dois assentamentos que levam o nome da líder sindical, sendo um deles localizado no município de Alagoa Grande (Assentamento Margarida Maria Alves II). Outro assentamento que resgata sua memória é o Maria da Penha II, localizado nas terras da Usina Tanques, cujos antigos proprietários são acusados de terem ordenado o seu assassinato.

A memória de Margarida se relaciona, portanto, com o direito de lutar por direitos, exercido por defensoras e defensores de direitos humanos; com a luta sindical; com os direitos trabalhistas; com o direito à memória e à verdade; com o trabalho e os conflitos na zona rural; com o protagonismo das mulheres e com a luta por direitos humanos em geral, e, contribuir para que sua memória permaneça viva, especialmente na região do brejo paraibano, é o objetivo principal do presente projeto de pesquisa.

Originariamente, nosso problema de pesquisa abarcava um diálogo direto com dois assentamentos localizados na cidade de Alagoa Grande, o “Margarida Maria Alves II” e “Maria da Penha II”. No entanto, a execução do projeto se deu precisamente no momento inicial da pandemia do COVID-19, o que impediu que as visitas in loco aos assentamentos fossem realizadas, a fim de entrevistar as mulheres assentadas, bem como que pudéssemos resgatar a memória de Margarida a partir da fala direta das trabalhadoras. Desse modo, parte dos nossos objetivos precisaram ser revisados e modificados ao longo da execução.

Em quê sua trajetória de luta influenciou as trabalhadoras dos assentamentos “Margarida Maria Alves II” e “Maria da Penha II”? Como sua memória pode ser resgatada a partir da luta das trabalhadoras destes assentamentos?

1. **Materiais e Métodos**

A presente pesquisa teve caráter “exploratório” e “qualitativo”, pois se propôs a explorar um novo terreno que servirá de base para investigações futuras, sem que, para isso, se recorra a quantificações, e utilizou os métodos de procedimento “histórico” e “comparativo”, a fim de dialogar com a trajetória de vida de Margarida Maria Alves e relacioná-la com a realidade contemporânea das trabalhadoras rurais do município de Alagoa Grande . Com isso, a investigação se desenvolveu por meio das seguintes fases:

No primeiro momento, a partir das técnicas de pesquisa “bibliográfica” e “documental” (através de artigos científicos, dissertações, teses acadêmicas, documentos escritos, livros, documentários e filmes), foi resgatada a história de vida de Margarida Maria Alves, compreendendo sua vida, suas reivindicações e sua contribuição para as lutas por direitos humanos, para o movimento sindical, para o trabalho na zona rural e para o empoderamento das mulheres.

No segundo momento foram realizadas visitas in loco na casa-museu, em que viveu e foi assassinada a sindicalista, e aos assentamentos Margarida Maria Alves II e Maria da Penha II, onde, por meio da técnica de pesquisa “observação”, foi possível compreender as realidades do passado e do presente, e relacioná-las, de modo a entender o mundo contemporâneo a partir do resgate da memória e da verdade.

E no terceiro momento, foi produzido um documentário de curta-duração com as imagens e observações tomadas durante as visitas técnicas.

E por fim, será realizada, no Campus Guarabira, uma exposição artística com fotografias, poesias, desenhos e pinturas relativas às visitas técnicas e à memória de Margarida Maria Alves. Os produtos finais da pesquisa servirão para compor um acervo histórico e artístico para a formação interna dos membros do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Margarida Maria Alves.

1. **Resultados e Discussão**

A partir de artigos cientificos, dissertações, livros e documentários, o Núcleo Margaridas realizou um processo de investigação sobre a vida de Margarida Maria Alves e entender sobre suas reinvidicações e os direitos que visava defender com sua história pessoal. Também buscou-se, pelos mesmos meios, compreender teoricamente o direito à memória, e à verdade enquanto direito humano, e sua importância para a construção da história de uma comunidade.

As visitas técnicas foram realizadas no dia 22 de Julho de 2020, nos assentamentos Maria Da Penha II, Margarida Maria Alves e na antiga Usina Tanques, onde foram realizadas fotografias e vídeos. Com essa mídia, o núcleo construiu um documentário de curta duração que visou apresentar o que é o Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Margarida Maria Alves , a importância do núcleo para os envolvidos, como também quem foi Margarida com imagens de sua residência, que hoje é um museu em sua homagem, e por fim conta sobre a marcha das margaridas e como ocorreu sua morte.

Essse documentario teve como objetivo mostrar para a comunidade acadêmica qual a importância da luta de Margarida Maria Alves para os trabalhadores rurais e como é importante manter sua memória viva. Com a apresentação do documentário, pretende-se contribuir para a formação dos/das discentes do Campus, tanto conhecendo melhor a memória e luta de Margarida, quanto conhecendo o Núcleo e sua história.

Margarida Maria Alves nasceu no dia 5 de agosto de 1933, no município de Alagoa Gtrande, na Paraíba. Participou do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande por 23 anos, como tesoureira e presidente. Em sua gestão, o sindicato moveu mais de 600 ações trabalhistas e fez diversas denúncias. Viu seus pais serem expulsos das terras em que viviam pelo proprietário local, João Senhor. Contra o ato, entrou com uma ação na Justiça do Trabalho. A partir daí, envolveu-se com a luta pelos direitos dos camponeses. Fundou o Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural, uma iniciativa para o desenvolvimento rural e urbano sustentável, em prol da agricultura familiar. Incentivou diversas outras mulheres a se aproximarem do sindicato e das disputas políticas, em um meio dominado por homens e extremamente machista.

Atráves da memória de Margarida, muitas agricultoras e agricultores, em especial os assentados dos Assentamentos Margarida Maria Alves e Maria da Penha II se espelharam em sua história, e se sentem mais fortes para lutar por seus direitos no campo, uma vez que conseguem enfrentar os dilemas do campo e conseguir que seus direitos sejam colocados em prática. É nesse sentido que o tema da Memória é posto como central no conhecimento da verdade e da justiça na apuração de graves violações dos direitos humanos, como foi o caso do brutal assassinato de Margarida Maria Alves. Diante da luta pela efetivação de direitos, não é incomum que defensores de direitos humanos sejam perseguidos, criminalizados e assassinados enquanto reivindicam o “direito de lutar por direitos”. Assim, a luta de Margarida precisa ser constantemente resgatada e relembrada, para que possamos ter uma dimensão didática da história da comunidade do brejo paraibano

1. **Considerações Finais**

O resgate da memória de Margarida permite a leitura das contradições do momento político da época e a reflexão sobre as questões históricas que possuem repercussão no momento presente. Nesse sentido, o resgate da memória dos acontecimentos deve ser tratado como direito fundamental, civil e político, necessário à construção da consciência coletiva de uma determinada comunidade

Dessa forma, o tema da Memória se afigura de extrema importância à apuração da verdade e da justiça envolvendo a violação de Direitos Humanos e Fundamentais por regimes militares, em especial quando se pergunta como pode o Estado interagir com a Sociedade Civil na constituição das melhores políticas públicas de Memória.

É de grande importância que o direito a memória seja sempre lembrado, assim como esse projeto utilizou a memória de Margarida para levantar o interresse por sua luta e por sua história em outro indivíduos. À vista disso, este projeto alcançou todos os objetivos.

**Agradecimentos**

Agradecimento ao IFPB – campus Guarabira, a Pró-reitoria de pesquisa e o CNPq por todo o apoio no desenvolvimento deste projeto.

**Referências**

BOLIS, L. F. **A história de uma Margarida**. Disponível em: <https://medium.com/a-vida-em-palavras/a-hist%C3%B3ria-de-uma-margarida-a0c695dde9c5>. Acesso em: 13 out. 2021.

INCRA. **Informações gerais sobre os assentamentos da Reforma Agrária**. 2017. Disponível em: <http://painel.incra.gov.br/sistemas/>. Acesso em: mai. 2019.

PAIXÃO, M. **Conheça Margarida Alves, símbolo da luta das trabalhadoras do campo por direitos**. Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/08/12/conheca-margarida-alves-simbolo-da-luta-por-direitos-para-as-trabalhadoras-do-campo/>. Acesso em: 13 out. 2021.